

B. A. PARIS

**ENTRE  
QUATRO  
PAREDES**

Tradução de  
ROBERTO MUGGIATI

1ª edição



EDITORA RECORD  
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2017

## PRESENTE

A garrafa de champanhe bate na bancada de mármore da cozinha, e eu me sobressalto. Olho de lado para Jack, na esperança de que ele não tenha percebido o quanto estou nervosa. O olhar dele encontra o meu, e ele sorri.

— Perfeito — diz em voz baixa.

Ele pega a minha mão e me leva até onde os nossos convidados nos esperam. Ao atravessarmos o corredor, vejo florescendo o lírio que Diane e Adam trouxeram para o nosso jardim. É de um rosa tão lindo, que espero que Jack o plante num lugar onde eu possa vê-lo da janela do quarto. Só de pensar no jardim sinto lágrimas virem à tona, mas rapidamente as reprimo. Com tanta coisa em jogo essa noite, eu preciso me concentrar no aqui e agora.

Na sala de estar, o fogo queima atrás da grade de proteção da antiga lareira. Já estamos em março, mas ainda faz um pouco de frio, e Jack gosta de oferecer aos nossos convidados o máximo de conforto.

— Sua casa é realmente incrível, Jack — comenta Rufus, admirado.  
— Você não acha, Esther?

Eu não conheço Rufus nem Esther. Eles são novos por aqui e essa é a primeira vez que nos encontramos, o que me deixa mais nervosa

que o normal. Mas não posso decepcionar Jack, então abro um sorriso, torcendo para que gostem de mim. Esther não sorri, por isso acho que ela está com um pé atrás. Mas não a culpo. Desde que se juntou ao nosso círculo de amizades um mês atrás, tenho certeza de que já disseram a ela inúmeras vezes que Grace Angel, esposa do brilhante advogado Jack Angel, é o exemplo perfeito de uma mulher que tem tudo: a casa perfeita, o marido perfeito, a vida perfeita. Se eu fosse Esther, também desconfiaria de mim.

Meu olhar recai na caixa de bombons caros que ela acaba de tirar da bolsa e sinto uma centelha de empolgação. Como não quero que ela a entregue a Jack, avanço discretamente em sua direção, que instintivamente a estende para mim.

— Obrigada, eles parecem maravilhosos — digo, agradecida, colocando a caixa sobre a mesa de centro para poder abri-la mais tarde, quando servirmos o café.

Esther me deixa intrigada. Ela é o completo oposto de Diane — alta, loira, magra, reservada —, e não posso deixar de admirá-la por ser a primeira pessoa a pisar na nossa casa sem dizer o quanto ela é linda. Jack insistiu em escolher a casa sozinho, dizendo que era o meu presente de casamento, por isso a vi pela primeira vez quando voltamos da nossa lua de mel. Apesar de ele sempre dizer que era perfeita para nós, não entendi o que isso queria dizer até finalmente conhecê-la. Localizada num terreno amplo quase fora do vilarejo, ela oferece a Jack a privacidade que deseja, assim como o privilégio de ser proprietário da casa mais bonita de Spring Eaton. E da mais segura. Ela conta com um complexo sistema de alarme, além de persianas de aço nas janelas do térreo para protegê-las. Deve ser estranho vê-las frequentemente fechadas durante o dia, mas Jack explica a todos que perguntam isso que, com um trabalho como o dele, eficiência na segurança é uma das suas prioridades.

Nós temos vários quadros nas paredes da sala de estar, mas as pessoas normalmente são atraídas pela grande tela vermelha pendu-

rada acima da lareira. Diane e Adam, que já a viram, não conseguem deixar de se aproximar para dar outra olhada, e Rufus se junta a eles, enquanto Esther se senta num dos sofás de couro bege.

— É impressionante — diz Rufus, olhando com fascínio para as centenas de minúsculas marcas que compõem a maior parte da pintura.

— Ela se chama *Vaga-lumes* — esclarece Jack, desenroscando o arame da rolha da garrafa de champanhe.

— Eu nunca vi nada assim.

— Foi Grace que pintou — acrescenta Diane. — Dá para acreditar?

— Vocês deviam ver as outras pinturas dela. — Jack tira a rolha da garrafa, fazendo um ruído mínimo. — São realmente impressionantes.

Rufus olha ao redor da sala, interessado.

— Elas estão por aqui?

— Não, estão penduradas em outras partes da casa.

— São só para os olhos de Jack — brinca Adam.

— E de Grace. Certo, querida? — diz Jack, sorrindo para mim. — Só para nós dois.

— Isso mesmo — concordo, virando a cabeça para o outro lado.

Então nos juntamos a Esther no sofá, e Diane fica animada quando Jack despeja o champanhe em taças longas. Ela olha para mim.

— Você está se sentindo melhor agora? — pergunta ela. — Grace não pôde almoçar comigo ontem porque estava passando mal — conta, virando-se para Esther.

— Foi só uma enxaqueca — explico.

— Infelizmente, Grace costuma ter crises de enxaqueca. — Jack olha para mim, compadecido. — Mas elas nunca duram muito tempo, graças a Deus.

— É a segunda vez que você fura comigo — lembra Diane.

— Me desculpe — digo.

— Bom, pelo menos dessa vez você não esqueceu — provoca ela. — Por que a gente não se encontra na sexta que vem para compensar?

Você vai estar livre, Grace? Nenhuma consulta no dentista que você vai se lembrar de repente no último minuto?

— Não, e nada de enxaquecas também, eu espero.

Diane se vira para Esther.

— Você gostaria de vir com a gente? Tem que ser em algum restaurante no centro, porque eu trabalho.

— Obrigada, eu adoraria. — Esther lança um olhar rápido para mim, talvez para se certificar de que não me oponho à sua companhia, e, quando sorrio para ela, eu me sinto terrivelmente culpada, porque sei que não vou ao almoço.

Chamando a atenção de todos, Jack faz um brinde a Esther e Rufus, dando-lhes as boas-vindas à vizinhança. Ergo minha taça e tomo um gole de champanhe. As bolhas dançam na minha boca, e sinto um lampejo repentino de felicidade, ao qual tento me agarrar. Mas ele se vai tão depressa quanto veio.

Olho para onde Jack conversa animadamente com Rufus. Ele e Adam conheceram Rufus no clube de golfe umas duas semanas atrás e o convidaram para se juntar a eles numa partida. Ao descobrir que Rufus era excelente no golfe, mas não o suficiente para derrotá-lo, Jack fez um convite a ele e a Esther para jantar. Observando-os juntos, fica óbvio que Jack está tentando impressionar Rufus, o que significa que é importante que eu conquiste Esther, mas não vai ser fácil. Enquanto Diane simplesmente se encanta com tudo, Esther parece uma pessoa mais complicada.

Peço licença e vou à cozinha para finalizar os últimos detalhes do jantar e buscar os canapés. Pela etiqueta — Jack é exigente em relação a isso —, não posso me ausentar por muito tempo, por isso rapidamente bato em neve as claras que esperam numa tigela e as acrescento à base do suflê que preparei mais cedo.

Despejando a mistura com uma colher em potes individuais, olho para o relógio com nervosismo, depois coloco os potes em banho-maria e os levo ao forno, prestando atenção à hora exata. Sinto uma súbita onda

de pânico por achar que não vou conseguir dar conta, mas ao lembrar a mim mesma que o medo é meu inimigo, tento me acalmar e volto para a sala de estar com a bandeja de canapés. Sirvo-os aos convidados, aceitando os elogios com gratidão, pois Jack também vai ouvi-los. Como previsto, beijando a minha cabeça, ele concorda com Diane que de fato sou uma esplêndida cozinheira, e dou um suspiro silencioso de alívio.

Determinada a me aproximar de Esther, eu me sento ao lado dela. Vendo isso, Jack se encarrega dos canapés.

— Você merece um descanso, querida, depois de todo o trabalho pesado que teve hoje — comenta ele, equilibrando a bandeja nos dedos longos e elegantes.

— Não foi nada pesado — protesto, o que é mentira, e Jack sabe, porque foi ele quem escolheu o menu.

Começo a fazer as perguntas certas a Esther: se ela já se ambientou à região, se lamentava ter deixado Kent para trás, se seus dois filhos se adaptaram à nova escola. Por algum motivo, o fato de eu estar bem informada parece irritá-la, por isso faço questão de perguntar o nome do filho e da filha, embora saiba que se chamam Sebastian e Aisling. Sei até a idade deles, 7 e 5 anos, mas finjo não saber. Ciente de que Jack ouve cada palavra que digo, eu sei que ele vai se perguntar qual é o meu objetivo.

— Vocês não têm filhos, certo — diz Esther, mais afirmando que perguntando.

— Não, ainda não. A gente achou melhor passar primeiro alguns anos sem mais ninguém.

— Nossa, há quanto tempo vocês estão casados? — Sua voz demonstra certa surpresa.

— Um ano — admito.

— Eles fizeram aniversário de casamento na semana passada. — Diane entra na conversa.

— E eu ainda não estou preparado para dividir minha bela mulher com mais ninguém — acrescenta Jack, enchendo a taça dela.

Observo, momentaneamente distraída da conversa, uma gota minúscula de champanhe errar a taça e aterrissar no joelho das calças chino impecáveis de Jack.

— Espero que não se importe com a minha pergunta — começa Esther, a curiosidade começando a tomar conta dela —, mas algum de vocês dois foi casado antes?

Ela parece esperar um sim, como se descobrir algum ex-marido ou alguma ex-mulher descontente espreitando de longe fosse prova de que não éramos tão perfeitos assim.

— Não, nenhum de nós foi — respondo.

Ela olha de relance para Jack e sei que está se perguntando como alguém tão bonito conseguiu ficar solteiro por tanto tempo. Sentindo o olhar dela sobre si, Jack sorri, bem-humorado.

— Preciso admitir que, com 40 anos, eu comecei a ficar desesperado, me perguntando se algum um dia encontraria a mulher perfeita. Mas, assim que vi Grace, eu soube que era ela que eu estava esperando.

— Que romântico! — Diane suspira. Ela já conhece a história de como Jack e eu nos conhecemos. — Perdi a conta de quantas mulheres tentei apresentar para o Jack, mas nenhuma delas foi boa o suficiente até ele conhecer Grace.

— E quanto a você, Grace? — pergunta Esther. — Também foi amor à primeira vista?

— Sim — respondo, recordando. — Foi.

Abalada com a lembrança, levanto um pouco rápido demais e Jack vira a cabeça para mim.

— Os suflês — explico calmamente. — Eles já devem estar prontos. Vocês estão prontos para o jantar?

Incentivados por Diane, que diz que os suflês não esperam por ninguém, todos terminam suas taças de champanhe e se encaminham para a mesa. Esther, no entanto, para no meio do caminho para dar uma olhada com mais atenção no *Vaga-lumes*, e, quando Jack se aproxima dela em vez de insistir para que se sente, dou um suspiro

de alívio porque os suflês ainda não estão prontos. Se estivessem, eu ficaria à beira das lágrimas, estressada com a demora dos dois, especialmente quando meu marido começa a explicar as diferentes técnicas que usei para criar a pintura.

Quando os convidados se sentam, cinco minutos depois, os suflês estão no ponto certo. Enquanto Diane demonstra sua admiração, Jack sorri para mim do outro lado da mesa, dizendo a todos que sou mesmo muito habilidosa.

São noites como essa que me fazem lembrar por que me apaixonei por ele. Charmoso, divertido e inteligente, Jack sabe exatamente o que dizer e de que forma dizer. Como Esther e Rufus acabaram de se mudar, ele faz questão de que a conversa gire em torno deles enquanto comemos o suflê. Também estimula Diane e Adam a compartilharem hábitos pessoais que vão poder ajudar nossos novos amigos, como dizer onde fazem as compras de mercado e quais esportes praticam. Esther ouve com educação a lista de atividades de lazer, os nomes dos jardineiros e babás, o melhor lugar para comprar peixe, mas eu sei que o interesse dela é em mim. Eu sei que ela vai falar de novo do meu casamento relativamente tardio com Jack, esperando encontrar alguma coisa — qualquer coisa — que lhe diga que a nossa vida não é tão perfeita quanto parece. Infelizmente, ela vai ficar decepcionada.

Esther espera que Jack corte o bife Wellington e o sirva com batatas gratinadas e cenouras levemente caramelizadas com mel. Há também minúsculas ervilhas, que mergulhei em água fervente pouco antes de tirar o bife do forno. Diane fica impressionada por eu ter conseguido preparar toda a refeição ao mesmo tempo, e admite que sempre escolhe algum prato principal como ensopado, que pode ser preparado antes e esquentado na hora. Eu gostaria de dizer a ela que também prefiro fazer assim, pois o preço que pago para servir um jantar tão perfeito são cálculos meticulosos e noites sem dormir. Mas a alternativa — servir algo que não esteja perfeito — não é uma opção.

Esther olha para mim do outro lado da mesa.



— Então, onde você e Jack se conheceram?

— No Regent's Park — respondo. — Numa tarde de domingo.

— Conte a ela como foi — instiga Diane, sua pele pálida corada pelo champanhe.

Hesito por um instante, por se tratar de uma história que já contei antes. Mas é algo que Jack adora me ouvir contar, portanto, tenho interesse em repeti-la. Por sorte, Esther me dá a deixa necessária. Ela parte para o ataque ao interpretar minha pausa como reticência.

— Por favor, conte — insiste ela.

— Bom, com o risco de entediar aqueles que já ouviram essa história antes — começo a falar, com um sorriso como se pedisse desculpa —, eu estava no parque com a minha irmã, Millie. A gente costuma passar as tardes de domingo lá, e naquele dia tinha uma banda tocando. Millie adora música e estava se divertindo tanto que se levantou do banco e começou a dançar na frente do tablado. Pouco tempo antes ela tinha aprendido a dançar valsa, e por isso mantinha os braços esticados à frente enquanto se movimentava, como se tivesse um parceiro.

Diante da lembrança, sorrio e desejo desesperadamente que a vida ainda fosse tão simples, tão inocente.

— Ainda que as pessoas normalmente fossem compreensivas e ficassem felizes de ver Millie se divertindo, eu percebi que uma ou outra parecia incomodada. Eu sabia que devia fazer alguma coisa, chamá-la de volta, talvez. Mas uma parte de mim não queria fazer isso, porque...

— Quantos anos a sua irmã tem? — interrompe Esther.

— Ela tem 17. — Faço uma pausa, sem querer encarar a realidade.

— Quase 18.

Esther arqueia as sobrancelhas.

— Ela gosta de chamar a atenção, então.

— Não, não é isso, é só que...

— Bom, ela deve gostar. Quero dizer, as pessoas geralmente não se levantam e dançam num parque, dançam? — Ela olha ao redor da mesa, triunfante, e, quando todos evitam seu olhar, sinto pena dela.

— Millie tem síndrome de Down. — A voz de Jack rompe o silêncio constrangedor que tomou conta da mesa. — O que quer dizer que muitas vezes ela é maravilhosamente espontânea.

O rosto de Esther demonstra como ela está confusa, e fico irritada por não terem mencionado Millie quando contaram a ela tudo sobre mim.

— De qualquer forma, antes que eu decidisse o que fazer — prossigo, para tirá-la da situação constrangedora —, esse perfeito cavalheiro se levantou, foi até Millie, se curvou e estendeu a mão para ela. Millie ficou encantada e, quando os dois começaram a dançar, todo mundo aplaudiu. Outros casais se levantaram também e foram dançar. Foi um momento muito, muito especial, que fez com que eu me apaixonasse por Jack imediatamente.

— Grace não sabia que eu a tinha visto com Millie no parque na semana anterior e havia me apaixonado por ela. Era tão atenciosa com Millie, tão altruísta. Eu jamais tinha visto esse tipo de dedicação, por isso coloquei na cabeça que queria conhecê-la.

— E o que Jack não sabia até então — explico — é que eu o tinha notado na semana anterior, mas nunca pensei que ele pudesse se interessar por alguém como eu.

Acho engraçado quando todos assentem com a cabeça, concordando. Embora eu seja atraente, a beleza cinematográfica de Jack faz com que as pessoas me achem sortuda por ele ter se casado comigo. Mas não foi isso que eu quis dizer.

— Grace não tem outros irmãos ou irmãs, por isso achou que eu perderia o interesse ao saber que Millie se tornaria responsável dela um dia — explica Jack.

— Como aconteceu com outros homens — enfatizo.

Jack faz que sim com a cabeça.

— Pelo contrário, a certeza de que Grace faria qualquer coisa por Millie me fez perceber que ela era o tipo de mulher que eu vinha procurando a vida toda. No meu campo trabalho, é fácil perder a fé na humanidade.

— Vi no jornal ontem que você tem novas vitórias a caminho — comenta Rufus, erguendo a taça para Jack.

— Sim, meus parabéns. — Adam, que trabalha como advogado na mesma firma que Jack, entra na conversa. — Mais uma condenação para a sua lista.

— Era um caso bem simples — diz Jack, com modéstia. — Embora tenha sido um pouco mais difícil porque precisei provar que a minha cliente não tinha provocado os próprios ferimentos, apesar da tendência que ela tinha à automutilação.

— Mas, em geral, os casos de abuso não costumam ser fáceis de provar? — pergunta Rufus, enquanto Diane conta a Esther, caso ela ainda não saiba, que Jack defende os oprimidos, mais especificamente mulheres vítimas de agressão do marido. — Não quero diminuir o excelente trabalho que você faz, mas muitas vezes existem provas físicas ou testemunhas, não é?

— Jack é mestre em conseguir fazer com que as vítimas confiem nele o suficiente para contar o que acontecia com elas — explica Diane, que, suspeito, sente uma atração por Jack. — Muitas mulheres não têm a quem recorrer e temem que ninguém acredite nelas.

— E ele faz questão de que os culpados recebam uma pena bem longa — acrescenta Adam.

— Eu desprezo homens que tratam suas esposas com violência — declara Jack, com firmeza. — Eles merecem pagar por tudo que fizeram.

— Um brinde a isso. — Rufus ergue a taça outra vez.

— Você nunca perdeu um caso, não é mesmo, Jack? — pergunta Diane.

— Não, nem pretendo.

— Um currículo exemplar... Incrível — reflete Rufus, impressionado. Esther olha para mim.

— Sua irmã Millie é bem mais jovem que você — observa ela, voltando ao assunto anterior.

— É, nossa diferença de idade é de dezessete anos. Millie nasceu quando a minha mãe já estava com 46. No começo, ela não acreditou que estivesse grávida, então ficou um pouco chocada ao descobrir que seria mãe outra vez.

— E Millie mora com os seus pais?

— Não, ela mora num colégio interno fantástico na zona norte de Londres. Como ela completa 18 anos em abril, vai ter que sair de lá no próximo verão, o que é uma pena, porque ela adora aquele lugar.

— E para onde ela vai? Para a casa dos seus pais?

— Não. — Faço uma breve pausa, porque sei que estou prestes a dizer algo que vai chocá-la. — Eles moram na Nova Zelândia.

Esther fica de queixo caído.

— Nova Zelândia?

— Sim. Eles se aposentaram e se mudaram para lá no ano passado, logo depois do nosso casamento.

— Entendo — comenta ela. Mas sei que não entende.

— Millie vem morar com a gente — explica Jack. Ele sorri para mim. — Eu sabia que essa seria uma condição para Grace aceitar se casar comigo, e fico mais que feliz com isso.

— É muito generoso da sua parte — comenta Esther.

— Nem um pouco. Fico feliz por Millie vir morar aqui. Ela vai dar uma nova dimensão para as nossas vidas, não é mesmo, querida?

Levanto minha taça e tomo um gole para não ter que responder.

— Você obviamente se dá bem com ela — observa Esther.

— Bom, eu espero que ela goste tanto de mim quanto eu gosto dela... embora tenha levado um tempo para ela se acostumar depois que eu e Grace nos casamos.

— Por quê?

— Eu acho que o nosso casamento foi um choque para ela — explico. — Desde o início, Millie sempre adorou Jack, mas, quando a gente voltou da lua de mel e ela percebeu que ele ficaria comigo o tempo todo, ela começou a sentir ciúme. Mas já está tudo bem agora. Jack já voltou a ser a pessoa preferida dela.

— Por sorte, o George Clooney assumiu o meu lugar como pessoa odiada — diz Jack, e começa a rir.

— George Clooney? — questiona Esther.

— É. — Confirmo com a cabeça, feliz por Jack ter tocado no assunto. — Eu tinha essa coisa por ele...

— E não temos todas nós? — murmura Diane.

— ... e Millie sentia tanto ciúme que, quando umas amigas minhas me deram um calendário com fotos do George Clooney de presente de Natal, ela rabiscou nele “Eu não gosto do George Clooney”. Só que ela escreveu foneticamente, J-O-R-J K-U-N-I. Ela tem um pouco de dificuldade com o “L” — explico. — Foi tão fofo.

Todos começam a rir.

— E agora ela não para de dizer para todo mundo que gosta de mim, mas não gosta dele. Virou uma espécie de mantra: “Eu gosto de você, Jack, mas não gosto do Jorj Kuni.” — Jack sorri. — Tenho que admitir que me sinto bastante lisonjeado em ser mencionado na mesma frase que ele — acrescenta, modestamente.

Esther olha para ele.

— Sabe, você se parece um pouco com o George Clooney.

— Só que o Jack é muito mais bonito. — Adam sorri. — Você não acreditaria em como a gente ficou aliviado quando ele se casou com Grace. Pelo menos isso fez com que as mulheres do escritório parassem de fantasiar com ele... e alguns dos homens também — acrescenta, gargalhando.

Jack suspira, bem-humorado.

— Já chega, Adam.

— Você não trabalha, certo? — pergunta Esther, virando-se para mim. Percebo na voz dela o desprezo mal disfarçado que as mulheres que trabalham sentem por aquelas que ficam em casa, e me vejo na obrigação de me defender.

— Eu trabalhava, mas larguei o emprego pouco antes de Jack e eu nos casarmos.

— É mesmo? — Esther franze a testa. — Por quê?

— Ela não queria ter feito isso — intervém Jack. — Mas Grace tinha uma posição muito importante na empresa e eu não queria voltar para casa exausto e encontrá-la tão exausta quanto. Talvez tenha sido egoísta da minha parte pedir a ela que largasse o emprego, mas eu queria poder voltar para casa e descarregar o estresse do meu dia. Ela também viajava bastante e eu não queria voltar do trabalho e encontrar a casa vazia, como aconteceu por muitos anos.

— Você trabalhava com o quê? — pergunta Esther, me encarando com seus olhos azul-claros.

— Eu era compradora da Harrods.

A centelha nos seus olhos mostra que ela ficou impressionada. O fato de não pedir mais detalhes me diz que ela ainda não está pronta para revelar sua surpresa.

— Ela viajava pelo mundo todo de primeira classe — acrescenta Diane, perplexa.

— Não pelo mundo todo — corrijo. — Só para a América do Sul. Eu ia atrás de frutas para eles, principalmente no Chile e na Argentina — acrescento, em grande parte para que Esther se sinta melhor.

Rufus olha para mim com admiração.

— Devia ser interessante.

— Era, sim. — Assinto com a cabeça. — Eu adorava cada minuto do meu trabalho.

— Você deve sentir falta. — Outra declaração de Esther.

— Não, na verdade, não — minto. — Eu tenho muitas coisas por aqui para me manter ocupada.

— E logo vai ter Millie para tomar conta.

— Millie é bastante independente e, de qualquer forma, ela vai passar a maior parte do tempo trabalhando em Meadow Gate.

— O centro de jardinagem?

— Sim. Millie adora plantas e flores e teve a sorte de oferecerem a ela o trabalho perfeito.

— E o que você vai fazer o dia todo?

— Basicamente a mesma coisa que eu faço agora. Você sabe, cozinhar, limpar, cuidar do jardim, quando o tempo permite.

— Da próxima vez, vocês precisam vir almoçar no domingo e conhecer o jardim — sugere Jack. — Grace é habilidosa com as plantas.

— Meu Deus! — exclama Esther, suavemente. — Quantos talentos. Eu fico muito satisfeita por terem me oferecido um cargo na St. Polycarp's. Eu já estava ficando muito entediada por passar o dia inteiro em casa.

— Quando você começa?

— No mês que vem. Vou substituir uma professora que saiu de licença-maternidade.

Eu me viro para Rufus.

— Jack disse que vocês têm um jardim enorme — começo.

A conversa gira em torno de jardinagem, não de mim, enquanto sirvo mais porções de bife Wellington, que, junto das verduras, é mantido na temperatura ideal por um aquecedor de pratos. Enquanto todos falam e riem ao mesmo tempo, eu me pego olhando melancolicamente para as outras mulheres e me pergunto como deve ser a vida de Diane, ou de Esther, sem ter alguém como Millie para se preocupar. Imediatamente me sinto culpada, porque eu amo Millie mais que tudo na vida e não a trocaria por nada no mundo. Pensar nela me dá uma nova motivação e levanto, decidida.

— Estão todos prontos para a sobremesa? — pergunto.

Jack e eu tiramos a mesa e ele me segue até a cozinha. Coloco os pratos ordenadamente na pia para serem lavados mais tarde,

enquanto ele guarda a faca de cortar carne. A sobremesa que fiz é uma obra-prima: um ninho de suspiro perfeito, sem fissuras, com quase dez centímetros de altura, recheado de nata azeda. Pego as frutas já cortadas e disponho as fatias de manga, abacaxi, mamão e kiwi cuidadosamente sobre a nata, acrescentando em seguida morangos, framboesas e mirtilos.

Ao pegar uma romã, a sensação da fruta na minha mão me leva de volta a outra época, a outro lugar, quando o calor do sol no meu rosto e o ruído de vozes animadas eram banalidades para mim. Fecho os olhos por um instante, me lembrando da minha antiga vida.

Passo a romã para Jack quando o vejo com a mão estendida. Ele a corta ao meio e depois retira as sementes com uma colher, espalhando-as sobre as outras frutas. Quando terminamos a sobremesa, eu a levo para a sala de jantar, e a animação dos convidados diante do prato confirma que Jack estava certo em escolhê-la, em vez do bolo de chocolate com castanhas que eu preferia ter feito.

— Você acredita que Grace nunca fez um curso de gastronomia? — pergunta Diane a Esther, pegando uma colher. — Eu fico espantada com tanta perfeição. Embora eu nunca vá caber no biquíni que comprei — acrescenta, suspirando e acariciando a barriga sob o vestido de linho azul-marinho. — Eu não devia estar comendo isso, já que a gente acabou de planejar uma viagem durante o verão, mas é tão delicioso que não consigo resistir.

— Para onde vocês vão? — pergunta Rufus.

— Tailândia — responde Adam. — A gente tinha pensado no Vietnã, mas, quando vimos as fotos das últimas férias de Jack e Grace na Tailândia, decidimos deixar o Vietnã para o ano que vem. — Ele olha para Diane e sorri. — Depois que Diane viu o hotel onde eles se hospedaram, foi impossível fazê-la mudar de ideia.

— Vocês vão ficar no mesmo hotel?

— Não, todos os quartos já estavam reservados. Infelizmente, a gente não pode se dar ao luxo de viajar fora das férias escolares.



— Aproveitem ao máximo enquanto puderem — diz Esther, virando-se para mim.

— É o que eu pretendo.

— Vocês vão voltar para a Tailândia esse ano? — pergunta Adam.

— Só se a gente conseguir ir antes de junho, o que é pouco provável, já que o julgamento do caso Tomasin está se aproximando — diz Jack. Ele me lança um olhar significativo do outro lado da mesa. — Depois disso, Millie vai estar com a gente.

Prendo a respiração, esperando que ninguém sugira levarmos Millie junto, caso esperássemos um pouco mais.

— Tomasin? — Rufus arqueia as sobrancelhas. — Eu ouvi algo a respeito. A esposa dele é uma das suas clientes?

— É.

— Dena Anderson — devaneia Rufus. — Deve ser um caso interessante.

— E é — concorda Jack. Ele se vira para mim. — Querida, se todos tiverem terminado, por que você não mostra para Esther as fotos das nossas férias na Tailândia?

Fico desanimada.

— Tenho certeza de que ela não quer ver as fotos das nossas férias — digo, mantendo o tom propositalmente suave. Mas só a leve sugestão de desacordo entre mim e Jack é o suficiente para Esther.

— Eu adoraria ver as fotos! — exclama ela.

Jack empurra a cadeira para trás e se levanta. Pega o álbum numa gaveta e o entrega a Esther.

— Grace e eu vamos preparar o café enquanto vocês veem as fotos. Por que não vão para a sala de estar? Vão ficar mais à vontade lá.

Quando voltamos da cozinha com uma bandeja de café, Diane está empolgada com as fotos, mas Esther quase não fala.

Admito que as fotos são fantásticas e estou bem nas em que apareço: com um belo bronzeado, magra como era com os meus 20 anos e usando um dos meus inúmeros biquínis. Na maioria delas,

estou de pé em frente a um hotel luxuoso, ou deitada em sua praia particular, ou sentada num bar ou num restaurante com um drinque colorido e um prato de alguma comida exótica na minha frente. Em todas elas eu sorrio para a câmera, a expressão de uma mulher relaxada e mimada, muito apaixonada pelo marido. Jack é bastante perfeccionista na hora de fotografar e tira a mesma foto várias vezes até ficar satisfeito com o resultado, por isso aprendi a fazer as poses certas de primeira. Há também algumas fotos de nós dois, tiradas por estranhos prestativos. É Diane quem observa, em tom de brincadeira, como Jack e eu geralmente estamos nos encarando carinhosamente nas fotos, em vez de olharmos para a câmera.

Jack serve o café.

— Alguém quer um bombom? — ofereço, pegando da forma mais casual possível a caixa que Esther trouxe.

— Acho que já comemos o suficiente — sugere Jack, olhando para todos em busca de confirmação.

— Sem dúvida — concorda Rufus.

— Eu não consigo comer mais nada — lamenta Adam.

— Então vou guardá-los para outro dia. — Jack estende a mão para pegar a caixa e começo a aceitar que nunca vou prová-los, mas Diane vem em meu socorro.

— Não ouse fazer isso. Eu tenho certeza de que consigo comer um bombom ou dois.

— Suponho que seja inútil mencionar o seu biquíni. — Adam suspira, balançando a cabeça e fingindo ficar desesperado com a esposa.

— Completamente inútil — concorda Diane, pegando um bombom da caixa que Jack entregou a ela e passando-a para mim. Pego um, coloco-o na boca e ofereço a caixa a Esther. Quando ela recusa, pego outro antes de devolver a caixa para Diane.

— Como você consegue? — pergunta Diane, olhando para mim, espantada.

— O quê?